PUBLICAÇÕES SISTEMA FIRJAN

PESQUISAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

ÍNDICES FIRJAN

IFDM 2015

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL

Ano Base 2013

RECORTE MUNICIPAL
ABRANGÊNCIA NACIONAL

Imagem: Google Earth

Dezembro/2015

Esta publicação contempla os seguintes temas:

BRASIL

www.firjan.com.br

Sistema FIRJAN | FIRJAN CIRJ SESI SENAI IEL SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

ÍNDICES FIRJAN

IFDM 2015

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL

Ano Base 2013

RECORTE MUNICIPAL
ABRANGÊNCIA NACIONAL

Dezembro/2015

EXPEDIENTE

Sistema FIRJAN
Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
Presidente Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Vice-presidência Executiva
Geraldo Benedicto Coutinho

Diretoria de Desenvolvimento Econômico
Luciana de Sá

Gerência de Ambiente de Negócios e Infraestrutura
Guilherme Mercês

Gerência de Pesquisa e Estatística
Cesar Bedran

Divisão de Pesquisa e Estatística
Tatiana Sanchez

Equipe Técnica
Camila Magalhães
Carolina Neder
Joana Siqueira
Jonathas Goulart
Marcio Afonso
Nayara Freire

Equipe Apoio
Adriana Esteves
Isabela Valentim
Isabela Knupp (estagiária)
Julio Cesar Vieira (estagiário)

Projeto Gráfico
Gerência de Comunicação de Marketing do Sistema FIRJAN

www.firjan.com.br/ifdm

Sistema FIRJAN | FIRJAN CIRJ SESI SENAI IEL SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

SUMÁRIO

Resumo Executivo IFDM 2015 | Ano base 2013 **5**

Introdução **9**

Resultados IFDM 2015 | Ano base 2013 **11**

As áreas de desenvolvimento do IFDM **14**

IFDM Emprego&Renda 14

IFDM Educação 15

IFDM Saúde 16

Desafios e perspectivas para os próximos anos **17**

Maiores e Menores **19**

Regiões Brasileiras **21**

Capitais **23**

RESUMO EXECUTIVO IFDM 2015 | ANO BASE 2013

Referência para o acompanhamento do desenvolvimento socioeconômico brasileiro, o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) acompanha três áreas: Emprego&Renda, Educação e Saúde e utiliza-se exclusivamente de estatísticas públicas oficiais[1]. Sua leitura é simples, o índice varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento da localidade. Além disso, sua metodologia possibilita determinar com precisão se a melhora relativa ocorrida em determinado município decorre da adoção de políticas específicas, ou se o resultado obtido é apenas reflexo da queda dos demais municípios.

A edição 2015 do IFDM traz comparações com outros anos da série histórica, iniciada em 2005, e projeções sobre a evolução do desenvolvimento com a deterioração do cenário econômico observada a partir de 2013 e suas consequências nas áreas de Educação e Saúde. Abaixo os principais resultados:

- O IFDM Brasil atingiu 0,7441 pontos em 2013, mantendo-se praticamente estável frente ao ano anterior (+0,2%). A pequena movimentação de 0,2% no índice geral do País mostrou um quadro de estagnação do desenvolvimento nacional. Foi o menor avanço da nota brasileira desde o início da série histórica, em 2005. Esse resultado refletiu, sobretudo, o desempenho negativo do *IFDM Emprego&Renda*, que praticamente anulou o progresso observado nas áreas de *Educação* e *Saúde*.

- O *IFDM Emprego&Renda* recuou 4,3%, atingindo 0,7023 pontos, menor nível desde a crise de 2009. Esse recuo foi significativo e ofuscou as conquistas de Educação, cujo indicador alcançou 0,7615 pontos ao crescer 2,8%, e Saúde, que avançou 1,9%, totalizando 0,7684 pontos.

- O arrefecimento do mercado de trabalho brasileiro foi decisivo para frear o desenvolvimento socioeconômico. A queda do **IFDM Emprego&Renda** atingiu mais da metade (55,4%) dos municípios brasileiros. Com isso, o já reduzido número de cidades com alto *IFDM Emprego&Renda* encolheu ainda mais, restringindo-se a apenas 59 munícipios em todo o Brasil, quase 40% menos do que os 98 do ano anterior. Da mesma forma, 1.623 cidades (29,4%) registraram baixo desenvolvimento do mercado de trabalho, superando as 1.503 (27,2%) observadas na edição anterior.

- O **IFDM Educação** atingiu 0,7615 pontos e foi o indicador que mais cresceu em relação ao ano anterior (+2,8%). Este foi o sétimo avanço consecutivo dessa área de desenvolvimento e foi detectado em 81,6% dos municípios. O alto desenvolvimento é observado em pouco mais de um terço dos municípios brasileiros (35,5%), o que ratifica a lacuna ainda existente de esforços para o desenvolvimento da educação básica em todo o país.

- O **IFDM Saúde** avançou 1,9%, atingindo 0,7684 pontos e com melhora do indicador em 63,3% dos municípios. Esses resultados refletem evolução em todas as variáveis que compõem o *IFDM Saúde*, em especial do indicador de internações sensíveis à atenção básica (ISAB). Nesse quadro, o número de municípios oferecendo serviços eficazes de

1 As fontes primárias de dados são os Ministérios do Trabalho e Emprego, da Educação e da Saúde.

atenção básica em Saúde a seus habitantes cresceu de 1.800 (32,3%) para 2.014 (36,2%), pouco mais de um terço dos municípios brasileiros. Apesar da melhora nos dados oficiais, o *IFDM Saúde* ainda é a vertente estrutural do IFDM com maior número de cidades com baixo desenvolvimento: são 198 (3,6%), mais de 20 vezes a quantidade observada no *IFDM Educação*. São mais de quatro milhões de brasileiros sem atenção básica em saúde.

- Da conjugação dessas três vertentes – Educação, Saúde, Emprego&Renda – é que se constrói o desenvolvimento. Em um primeiro olhar, os resultados gerais de 2013 mostram um quadro estável em Educação e Saúde e um início de deterioração em Emprego&Renda. Mas um olhar mais amiúde do comportamento das variáveis de cada área de desenvolvimento desperta dúvidas quanto à continuidade das conquistas observadas até 2013, permitindo inferências do que se esperar a partir daí.

- Entre 2005 e 2013, período que compreende a série histórica do IFDM, a economia brasileira passou por um momento ímpar. O Produto Interno Bruto (PIB) avançou 35% e o país gerou quase 16 milhões de novos postos formais de trabalho, com aumento do rendimento médio em 28%, já descontados os efeitos inflacionários. Esse ambiente econômico foi determinante para a expansão dos recursos com a arrecadação de tributos para financiamento das políticas públicas (seja via arrecadação própria ou transferências) e, consequentemente, da maior atuação social dos governos.

- O quadro econômico recente deteriorou-se rapidamente e as perspectivas persistentemente negativas chamam a atenção. Em 2014, a geração de empregos foi apenas um terço da observada em 2013, ano em que o IFDM Emprego&Renda já exibiu desempenho negativo. Em 2015, a avaliação é ainda mais negativa.

- Como resultado, os municípios brasileiros tendem a ficar à mercê da conjuntura econômica, com menos recursos não só para expandir como, principalmente, para manter programas sociais que viabilizaram o avanço dos componentes estruturais do IFDM – Educação e Saúde – até então. Fato é que os desafios mais complexos persistem e não foram solucionados em tempos de pujança econômica. Assim, diante do atual cenário, é possível afirmar que a conjuntura econômica negativa observada no Brasil em 2014 e 2015 (e cujas projeções não apontam para recuperação) coloque em cheque a continuidade das conquistas sociais observadas em passado recente, comprometendo o desenvolvimento do país nos próximos anos.

- No topo do ranking nacional do IFDM, entre os 10 primeiros colocados, houve predominância de municípios de São Paulo. Contudo, pela primeira vez desde o início da série histórica do IFDM, a liderança não ficou com uma cidade paulista. A cidade mineira de **Extrema conquistou a primeira colocação**, sendo o município do Top 10 nacional que mais galgou posições no ranking ao longo dos anos. A cidade saiu da 569ª colocação nacional em 2005 para o topo da lista em 2013, impulsionada principalmente pelas conquistas nas áreas de Educação e Saúde.

- A **última colocação ficou com Santa Rosa do Purus-AC** (0,2763), cidade que figurou entre os 100 piores resultados do país em todas as edições do IFDM. No final do ranking brasileiro, os 10 últimos colocados colecionam resultados muito baixos desde o início da série histórica do IFDM, em 2005. Apresentaram baixo desenvolvimento a maior parte do tempo (abaixo de 0,4 pontos) e a maior nota já alcançada por essas cidades no índice consolidado foi 0,4255 pontos, registrados em 2008 pela amazonense Barcelos.

- A comparação dos 500 municípios com maiores valores no IFDM com o grupo dos 500 menores retrata um Brasil de disparidades. Extrema (0,9050), em Minas Gerais, município melhor colocado no ranking geral do índice, apresenta um IFDM mais do que três vezes superior ao último colocado – Santa Rosa do Purus (0,2763), no Acre.

- A **análise regional** mostra um país claramente dividido em dois. As regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste detém 99% dos municípios do Top500. Destes, a maior parte é composta por municípios do Sudeste (56%). Municípios do Sul e Centro Oeste representam 36,6% e 6,4%, respectivamente. Apenas 1% representa municípios das regiões Nordeste (0,8%) e Norte (0,2%).

- Dos estados, São Paulo é o que tem maior participação de municípios no grupo dos Top500: são 215 que compõem 43,0% da lista (o equivalente a um terço dos municípios paulistas). Na sequência, destacam-se os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de Minas Gerais, que participam, respectivamente, com 16,4%, 11,2% e 9,4% do grupo dos Top500.

- No outro extremo, o grupo dos 500 piores colocados é formado majoritariamente por municípios do Nordeste e do Norte do país (97,4%). As cidades baianas são as mais proeminentes nesse grupo, 178 representantes, quase metade de todos os municípios do estado. Maranhão e Pará aparecem na sequência, respondendo por 19,0% e 14,4% do grupo dos 500 menores do Brasil.

- A região **Sul** se destaca como a mais desenvolvida do Brasil, com quase a totalidade (96,8%) de seus municípios classificados com desenvolvimento moderado ou alto, em contraste com os 68,1% observados a nível nacional.

- Na região **Sudeste**, 91,5% dos municípios apresentaram IFDM moderado ou alto em 2013. O Sudeste ainda distingue-se por ser a região brasileira com maior presença no estrato superior do ranking brasileiro do IFDM, respondendo por 65 das 100 maiores pontuações, das quais 56 são de São Paulo.

- Após se consolidar como um "novo Sudeste" em termos de desenvolvimento socioeconômico, o **Centro-Oeste** seguiu reduzindo sua distância em relação às regiões mais desenvolvidas do país. De fato, com 86,4% de suas cidades acima da linha dos 0,6 pontos, que indica IFDM moderado, a região nunca esteve tão próxima dos padrões de desenvolvimento observados no Sul e no Sudeste do país.

- Em contraste com o desempenho majoritariamente positivo do restante do país, as regiões **Norte** e **Nordeste** possuem quase 70,0% de suas cidades com desenvolvimento regular ou baixo: no Nordeste são 69,1% e no Norte, 67,2%. Quando olhamos para os extremos do ranking, a região Norte apresenta situação ainda mais delicada frente à vizinha: enquanto o Norte do país não apresentou nenhuma cidade com alto desenvolvimento em 2013, o Nordeste teve dois municípios nessa situação – Eusébio (0,8782) e Sobral (0,8197), ambos no Ceará. Além disso, o percentual de cidades com baixo desenvolvimento (pontuação inferior a 0,4 pontos no IFDM) foi de 5,0% na região Norte, quase o triplo do observado no Nordeste (1,8%).

- No **ranking das capitais** o topo foi novamente ocupado por **Curitiba**, **São Paulo**, **Vitória** e **Florianópolis**, apenas com trocas de posições. Apenas oito capitais brasileiras apresentam alto desenvolvimento no IFDM, enquanto as demais registraram desenvolvimento

moderado. As dez primeiras colocadas do ranking das capitais figuram entre os 500 maiores resultados do IFDM do país, porém apenas os dois primeiros lugares ocupam uma posição entre os 100 mais bem avaliados.

- Foi verificada redução no *IFDM Emprego&Renda* em 17 capitais brasileiras. No geral, a queda desta vertente mitigou a melhora observada nas vertentes de Educação e Saúde, onde houve avanço em 22 e 16 das capitais, respectivamente. Apesar disso, alguns municípios conseguiram apresentar avanços significativos nas três áreas de desenvolvimento do IFDM: **Rio de Janeiro**, que ascendeu à quinta colocação dentre as capitais, e **Teresina**, que galgou quatro posições no ranking e atingiu o 12º lugar.

- Entre as piores colocadas, **Maceió** foi um destaque positivo por ter obtido crescimentos relevantes tanto no *IFDM Emprego&Renda* quanto no *IFDM Educação*, resultando em variação de 3,1% no seu IFDM – contudo, permaneceu como a única capital brasileira a exibir desempenho regular na área de Educação. Em direção contrária, **Belém** registrou recuo nas três vertentes, passando a ocupar a penúltima colocação do ranking. Estacionado na última posição, o município de **Macapá** apresentou avanços no *IFDM Emprego&Renda* e no *IFDM Saúde*.

INTRODUÇÃO

Referência para o acompanhamento do desenvolvimento socioeconômico brasileiro, o **Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM)** monitora três áreas – *Emprego & Renda*, *Educação e Saúde*, utilizando exclusivamente estatísticas públicas oficiais[2] Especificamente, são acompanhadas as conquistas e os desafios socioeconômicos brasileiros pelo prisma da competência municipal: atenção básica em Saúde, Educação Infantil e Fundamental e a manutenção de um ambiente de negócios propício à geração local de Emprego e Renda. O quadro abaixo apresenta as variáveis que compõem o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal.

Quadro-Resumo dos Componentes do IFDM

– por Área de Desenvolvimento –

IFDM		
Emprego&Renda	**Educação**	**Saúde**
• Geração de emprego formal • Absorção da mão de obra local • Geração de Renda formal • Salários médios do emprego formal • Desigualdade **Fonte:** Ministério do Trabalho e Emprego	• Matrículas na educação infantil • Abandono no ensino fundamental • Distorção idade-série no ensino fundamental • Docentes com ensino superior no ensino fundamental • Média de horas aula diárias no ensino fundamental • Resultado do IDEB no ensino fundamental **Fonte:** Ministério da Educação	• Número de consultas pré-natal • Óbitos por causas mal definidas • Óbitos infantis por causas evitáveis • Internação sensível à atenção básica (ISAB) **Fonte:** Ministério da Saúde

A leitura dos resultados é simples, o índice varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento da localidade. Além disso, o índice não se restringe a uma fotografia anual, podendo ser comparado ao longo dos anos. Dessa forma, é possível determinar com precisão se a melhora ocorrida em determinado município decorre da adoção de políticas específicas, ou se o resultado obtido é apenas reflexo da queda dos demais municípios. Por conseguinte, a ênfase da leitura não deve apenas se restringir a uma questão de posição no ranking, mas sim de se verificar se, de fato, houve progresso de um determinado município ou região, em dado período de tempo.

2 As fontes primárias de dados são os Ministérios do Trabalho e Emprego, da Educação e da Saúde.

Com o objetivo de estabelecer valores de referência que facilitem a análise, foram convencionados quatro conceitos para o IFDM:

- Municípios com IFDM entre 0,0 e 0,4 ► **baixo** estágio de desenvolvimento;
- Municípios com IFDM entre 0,4 e 0,6 ► desenvolvimento **regular**;
- Municípios com IFDM entre 0,6 e 0,8 ► desenvolvimento **moderado**;
- Municípios com IFDM entre 0,8 e 1,0 ► **alto** estágio de desenvolvimento.

A Edição 2015 do IFDM com base em dados relativos a 2013 traz comparações com outros anos da série histórica iniciada em 2005, bem como projeções para 2014 e 2015. Ainda que desde 2013 o Brasil possua 5.570 municípios, o ranking geral compreende 5.517 cidades brasileiras, onde vive 99,8% da população brasileira. Foram excluídos da análise os novos municípios[3] para os quais ainda não existem dados, bem como os 45 em que foram observados ausência, insuficiência ou inconsistência de dados.

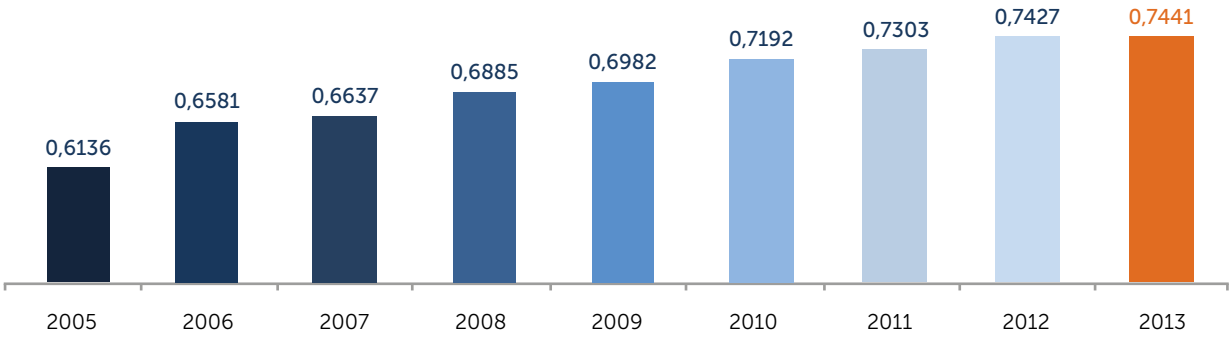
Esta edição do IFDM está distribuída em seis seções. As duas primeiras apresentam os *Resultados Gerais do IFDM* e o comportamento de suas *Áreas de desenvolvimento*. A terceira traça os *Desafios e perspectivas para os próximos anos* a partir dos movimentos do IFDM observados nesta edição. A quarta seção – *Maiores e Menores* – se dedica ao estudo dos extremos do ranking, tentando retratar a disparidade ainda existente no desenvolvimento do país, enquanto a quinta trata das particularidades de cada uma das *Regiões Brasileiras*. Por fim, a sexta seção aborda o desempenho das Capitais.

3 Pescaria Brava e Balneário Rincão, em Santa Catarina, Mojuí dos Campos, no Pará, Pinto Bandeira, no Rio Grande do Sul, e Paraíso das Águas, no Mato Grosso do Sul, eram distritos e foram emancipados em 2013.

Desenvolvimento brasileiro estagnado.

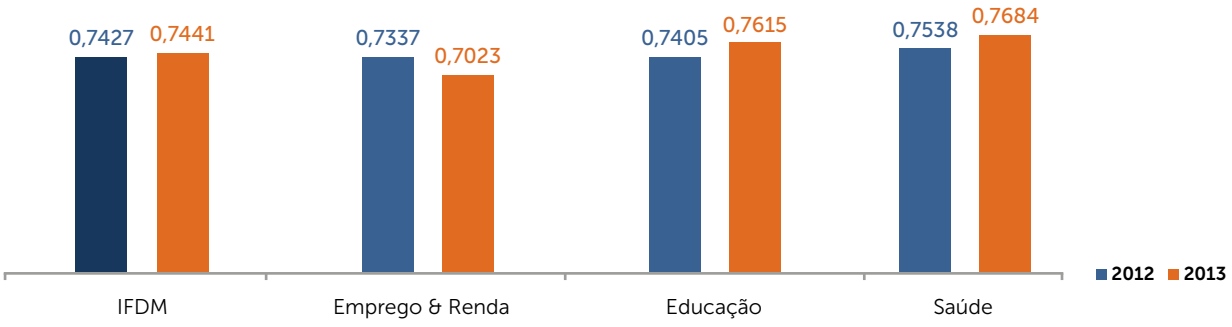
O IFDM Brasil atingiu 0,7441 pontos em 2013, mantendo-se praticamente estável frente ao ano anterior (+0,2%). Foi o menor avanço da nota brasileira desde o início de sua série histórica, em 2005. Esse resultado refletiu, sobretudo, o desempenho negativo do *IFDM Emprego&Renda*, que praticamente anulou o progresso observado nas áreas de *Educação* e *Saúde*, lembrando que as três áreas de desenvolvimento possuem pesos iguais.

Gráfico 1: Evolução do IFDM Brasil



Em 2013, o *IFDM Emprego&Renda* recuou 4,3%, atingindo 0,7023 pontos, menor nível desde a crise de 2009. Esse recuo foi significativo e ofuscou as conquistas de Educação, cujo indicador alcançou 0,7615 pontos ao crescer 2,8%, e Saúde, que avançou 1,9%, atingindo 0,7684 pontos.

Gráfico 2: IFDM e Áreas de Desenvolvimento

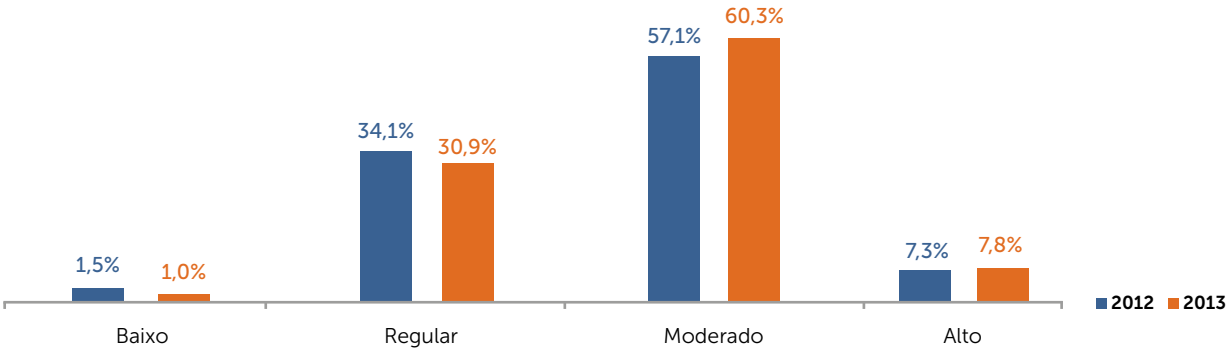


A pequena movimentação de 0,2% no índice geral do País mostrou um quadro de estagnação do desenvolvimento nacional em 2013. Não obstante, a distribuição dos municípios mostrou alguma migração entre as classificações de desenvolvimento. De fato, o número de cidades com desenvolvimento moderado (IFDM entre 0,6 e 0,8 pontos) teve um saldo positivo de 177 municípios[4] e atingiu 60,3% do total analisado, ao passo que o de cidades de desenvolvimento

4 O saldo de 177 municípios equivale a +425 que passaram à classificação moderada e -248 que deixaram de ser moderado.

regular (entre 0,4 e 0,6 pontos) e baixo (entre 0,0 e 0,4 pontos) diminuiu frente ao ano anterior, mesmo padrão de movimentação observado em anos anteriores. No entanto, atingir o alto desenvolvimento mostrou ser um desafio ainda maior este ano: apenas 431 municípios (7,8%) registraram essa classificação em 2013. Em comparação com 2012, isso significou um saldo positivo de apenas mais 27 cidades[5] nesse seleto grupo, evolução menor do que o avanço de 75 cidades observado no ano anterior.

Gráfico 3: Distribuição dos municípios brasileiros por grau de desenvolvimento do IFDM



No topo do ranking nacional do IFDM (*Tabela 1*), entre os 10 primeiros colocados, houve predominância de municípios de São Paulo. Contudo, pela primeira vez desde o início da série histórica do IFDM, a liderança não ficou com uma cidade paulista. A cidade mineira de Extrema conquistou a primeira colocação, sendo o município do Top 10 nacional que mais galgou posições no ranking ao longo dos anos. A cidade saiu da 569ª colocação nacional em 2005 para o topo da lista em 2013, impulsionada principalmente pelas conquistas nas áreas de Educação e Saúde.

Tabela 1: 10 Primeiros IFDM Brasil

Class.	UF	Município	IFDM
1º	MG	**Extrema**	0.9050
2º	SP	**São José do Rio Preto**	0.9046
3º	SP	**Indaiatuba**	0.9009
4º	SP	**São Caetano do Sul**	0.9006
5º	SP	**Vinhedo**	0.8994
6º	SC	**Concórdia**	0.8933
7º	SP	**Votuporanga**	0.8914
8º	SP	**Paraguaçu Paulista**	0.8907
9º	SP	**Jundiaí**	0.8892
10º	SP	**Santos**	0.8846

De fato, a líder do IFDM coleciona ótimos resultados: no âmbito do mercado de trabalho, concentra postos de trabalho suficientes para empregar 65,7% de sua População em Idade Ativa, o dobro da proporção nacional; na área da Educação, a cidade teve êxito em erradicar o abandono escolar no Ensino Fundamental, além de registrar IDEB médio de 6,1 pontos, bem

5 O saldo de 27 municípios reflete 104 cidades brasileiras que alcançaram alto desenvolvimento no IFDM 2013 e 77 cidades que perderam essa classificação no mesmo ano.

acima dos 4,5 na média do país; na Saúde, 82,6% das gestantes vão a sete ou mais consultas pré-natal, em contraste com os 61,8% observados no Brasil como um todo.

Os demais integrantes do Top 10 brasileiro possuem um histórico bem-sucedido no IFDM. Desde o início da série histórica oito das nove cidades ocupam posições entre os 500 maiores resultados do país[6]. Mais do que isso, São José do Rio Preto e São Caetano do Sul já ocuparam a primeira colocação em anos anteriores e Jundiaí sempre esteve entre os 100 melhores resultados. O principal destaque, além de Extrema, é Indaiatuba, única cidade brasileira a se manter entre os 10 primeiros colocados do IFDM em todos os anos.

Em contrapartida, no final do ranking brasileiro (*Tabela 2*), os 10 últimos colocados colecionam resultados muito baixos desde o início da série histórica do IFDM, em 2005. Apresentaram baixo desenvolvimento a maior parte do tempo (abaixo de 0,4 pontos) e a maior nota já alcançada por essas cidades no índice consolidado foi 0,4255 pontos, registrados em 2008 pela amazonense Barcelos.

Tabela 2: 10 Primeiros IFDM Brasil

Class.	UF	Município	IFDM
5,508º	BA	**Gongogi**	0.3628
5,509º	PA	**Jacareacanga**	0.3614
5,510º	PA	**Porto de Moz**	0.3589
5,511º	MA	**Primeira Cruz**	0.3586
5,512º	MA	**Marajá do Sena**	0.3564
5,513º	AM	**Santa Isabel do Rio Negro**	0.3521
5,514º	MA	**Pedro do Rosário**	0.3509
5,515º	PA	**Portel**	0.3483
5,516º	AM	**Barcelos**	0.3433
5,517º	AC	**Santa Rosa do Purus**	0.2763

A última colocação ficou com Santa Rosa do Purus-AC (0,2763), cidade que figurou entre os 100 piores resultados do país em todas as edições do IFDM[7]. A cidade possui um mercado de trabalho formal estagnado; apenas 16,4% dos docentes possuem nível superior, em contraste com 79,0% do país como um todo; e somente 7,9% de suas gestantes vão a mais de seis consultas pré-natal, frente à média nacional de 61,8%. De fato, a pontuação de Santa Rosa do Purus é tão baixa que salta aos olhos a diferença de mais de 20,0% frente ao penúltimo colocado, Barcelos-AM (0,3433).

6 A exceção fica por conta de Paraguaçu Paulista, que em 2005 figurava na 513ª colocação nacional.

7 Devido à ausência de dados para o cálculo do IFDM Emprego&Renda em 2005 e 2007, Santa Rosa do Purus não foi avaliada no IFDM consolidado naqueles anos.

AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO DO IFDM

A dinâmica das vertentes que o compõem IFDM ajuda a entender o que conduziu à estagnação do desenvolvimento. Dessa forma, é possível traçar o caminho que deve ser trilhado para levar a todos os cidadãos brasileiros educação fundamental e atenção básica em saúde de qualidade, assim como acesso a um mercado de trabalho formalizado, dinâmico, com crescimento do emprego e melhor distribuição da renda.

IFDM Emprego&Renda

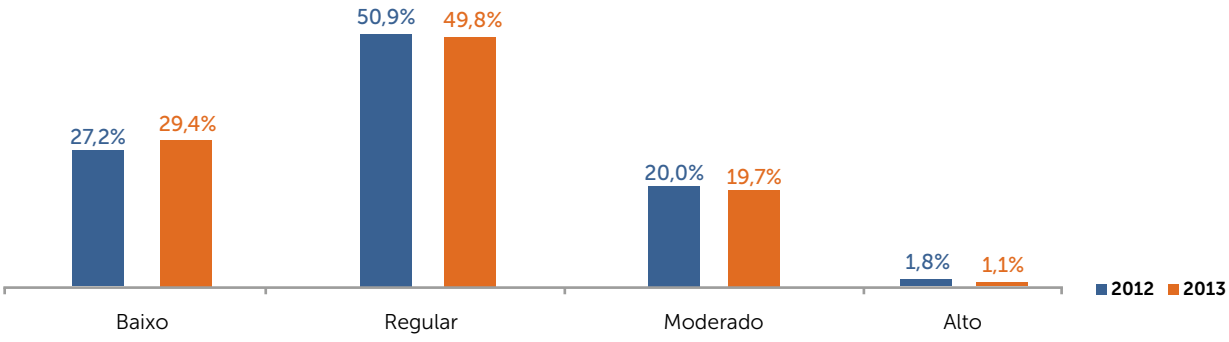
Desaceleração do mercado de trabalho foi decisiva para frear o desenvolvimento socioeconômico.

O arrefecimento do mercado de trabalho brasileiro foi decisivo para frear o desenvolvimento socioeconômico. A geração de empregos formais em 2013 foi 17,0% inferior à observada no ano anterior e quase metade da observada apenas dois anos antes, com impacto mais incisivo nos grandes centros econômicos. Além disso, também houve desaceleração no crescimento da renda média do trabalhador brasileiro, sobretudo nas cidades menores do interior do país. Essa combinação de resultados de pequenos e grandes centros urbanos conduziu o **IFDM Emprego&Renda**[8] a seu menor nível desde a crise de 2009 – o indicador recuou 4,3% frente ao ano anterior, para 0,7023 pontos.

A queda do *IFDM Emprego&Renda* atingiu mais da metade (55,4%) dos municípios brasileiros. Com isso, o já reduzido número de cidades com alto *IFDM Emprego&Renda* encolheu ainda mais, restringindo-se a apenas 59 munícipios em todo o Brasil, quase 40% menos do que os 98 do ano anterior. Da mesma forma, 1.623 cidades (29,4%) registraram baixo desenvolvimento do mercado de trabalho, superando as 1.503 (27,2%) observadas na edição anterior.

Os três primeiros lugares do *IFDM Emprego&Renda* vieram de regiões distintas: Itabirito-MG (0,8962), Três Lagoas-MS (0,8955) e Navegantes-SC (0,8927). As três últimas colocações, por outro lado, são todas do Norte do país: Portel-PA (0,1352), Bagre-PA (0,1248) e Tonantins-AM (0,1033). Entre as capitais, o destaque ficou por conta do Rio de Janeiro-RJ, que avançou 2,0% e atingiu 0,7882 no *IFDM Emprego&Renda*.

Gráfico 4: Distribuição dos municípios brasileiros por grau de desenvolvimento do IFDM Emprego&Renda



8 Devido à ausência ou inconsistência de dados utilizados nos cálculos dos indicadores, 45 cidades ficaram de fora do ranking do *IFDM Emprego&Renda*. Dessa forma, 5.520 cidades foram avaliadas nessa área de desenvolvimento em 2013.

IFDM Educação

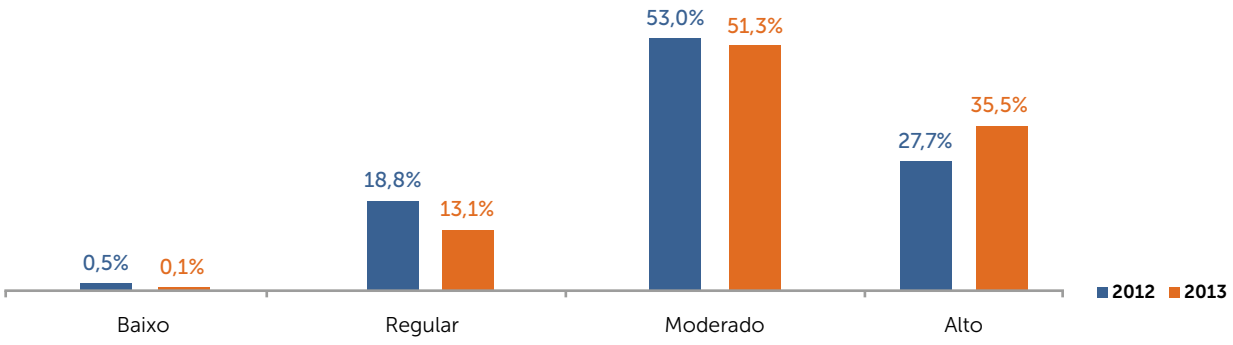
IFDM Educação avançou, mas qualidade restringe-se a pouco mais de um terço dos municípios.

O **IFDM Educação**[9] atingiu 0,7615 pontos e foi o indicador que mais cresceu em relação ao ano anterior (+2,8%). Este foi o sétimo avanço consecutivo dessa área de desenvolvimento e foi detectado em 81,6% dos municípios. Esse resultado refletiu avanços em todas variáveis educacionais investigadas, com destaque para as notas do IDEB. Dessa forma, houve aumento no número de municípios que propiciam Ensino Fundamental de melhor qualidade às suas crianças e adolescentes. No entanto, embora as cidades com pontuação inferior a 0,4 pontos caminhem para extinção – *gráfico 5* – a grande maioria ainda é formada por municípios de desenvolvimento moderado na educação (51,3%). O alto desenvolvimento é observado em pouco mais de um terço dos municípios brasileiros (35,5%), o que ratifica a lacuna ainda existente de esforços para o desenvolvimento da educação básica em todo o país.

De fato, o escopo de atuação para melhorar a qualidade de educação ainda é amplo, observável desde os indicadores mais simples, como o abandono escolar, onde mais de 96,8% dos municípios ainda possuem taxas superiores a 5,0%; aos indicadores mais complexos, como média maior ou igual a 6 no IDEB, encontrado apenas em 3,4% dos municípios brasileiros.

Quatro cidades alcançaram pontuação máxima no *IFDM Educação* em 2013, todas de São Paulo: Taguaí, Turmalina, Santa Salete e Floreal. Além dos primeiros lugares, os municípios paulistas mantiveram a supremacia entre os 100 melhores resultados de Educação com 91 cidades. Na outra ponta do ranking, presença absoluta de municípios das regiões Norte (36) e Nordeste (64) entre os 100 piores colocados do país. Entre as capitais, São Paulo-SP manteve-se como a mais desenvolvida no *IFDM Educação* (0,9047), figurando na 434ª colocação nacional, enquanto Maceió-AL (0,5575) seguiu como a pior nessa vertente, fazendo parte dos 500 piores resultados de Educação do Brasil. A diferença entre estas capitais ilustra os contrastes observados nas regiões do País: São Paulo possui 61,2% das crianças até 6 anos assistidas em creches e pré-escolas ante apenas 24,0% em Maceió; do mesmo modo, o abandono escolar no Ensino Fundamental da capital paulista é muito baixo, apenas 1,2%, o que contrasta com os 7,3% da capital alagoana.

Gráfico 5: Distribuição dos municípios brasileiros por grau de desenvolvimento do IFDM Educação



9 Devido à ausência de alguns dados utilizados nos cálculos dos indicadores, três cidades ficaram de fora do ranking do *IFDM Saúde*: Carlos Gomes, Gentil e União da Serra, todas no Rio Grande do Sul. Dessa forma, 5.562 cidades foram avaliadas nessa área de desenvolvimento em 2013.

IFDM Saúde

Apesar dos avanços, mais de quatro milhões de brasileiros ainda vivem em cidades sem atenção básica.

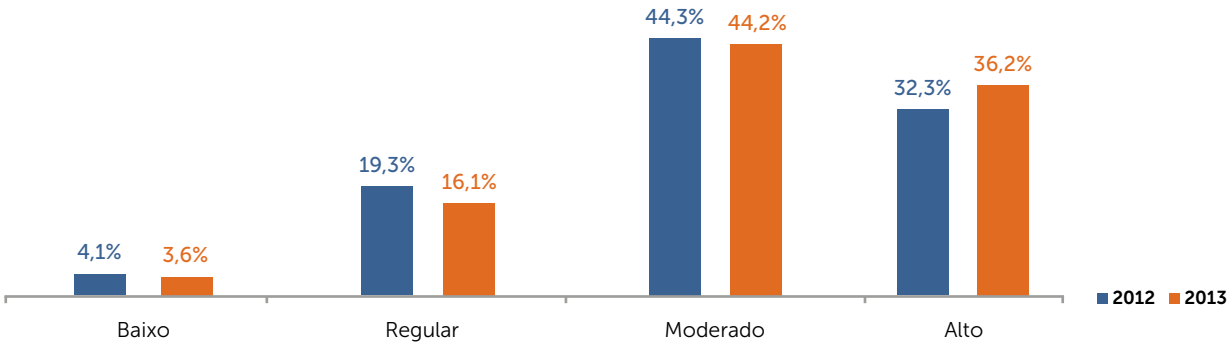
O **IFDM Saúde**[10] avançou 1,9% em 2013, atingindo 0,7684 pontos e com melhora do indicador em 63,3% dos municípios. Esses resultados refletem evolução em todas as variáveis que compõem o *IFDM Saúde*, em especial do indicador de internações sensíveis à atenção básica (ISAB). Nesse quadro, o número de municípios oferecendo serviços eficazes de atenção básica em Saúde a seus habitantes cresceu de 1.800 (32,3%) para 2.014 (36,2%) – *gráfico 6* – pouco mais de um terço dos municípios brasileiros.

O município melhor pontuado nesta área de desenvolvimento foi Linha Nova – RS que recebeu nota máxima. Entre as capitais, 16 alcançaram o status de alto desenvolvimento na vertente Saúde, com destaque para Curitiba-PR que manteve-se na liderança com 0,9618 pontos. Por outro lado, Manaus-AM assumiu a última colocação nesse indicador dentre as capitais brasileiras, ao ir na contramão da média nacional e recuar 2,3%, para 0,6632 pontos. A diferença entre a primeira e a última colocada entre as capitais evidencia os desafios da Saúde: enquanto Curitiba já tem mais de 86,0% de gestantes com mais de 7 consultas pré-natal, Manaus não chega a metade disso (35,1%).

Apesar da melhora nos dados oficiais, o *IFDM Saúde* ainda é a vertente estrutural do IFDM com maior número de cidades com baixo desenvolvimento: 198 (3,6%), mais de 20 vezes a quantidade observada no *IFDM Educação*. Essa estatística é ainda mais preocupante quando consideramos o contingente populacional que habita esses municípios: são mais de quatro milhões de cidadãos brasileiros, em grande parte concentrados no Norte e no Nordeste do país. Para se ter uma ideia do tamanho desse problema, quatro milhões de pessoas é o somatório das populações dos estados de Tocantins, Acre e Rondônia.

Sendo um índice que acompanha a Saúde básica, dizer que um município é de baixo desenvolvimento nesta área é o mesmo que afirmar que este município simplesmente não tem saúde. E este se constitui no maior desafio desta área de desenvolvimento: levar o mínimo de condições básicas de saúde para os 4 milhões de brasileiros que vivem nestas cidades.

Gráfico 6: Distribuição dos municípios brasileiros por grau de desenvolvimento do IFDM Saúde



10 Em 2013, foram avaliados todos os 5.565 municípios brasileiros que já existiam antes de 2013.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS ANOS

Avanços sociais ameaçados.

Da conjugação das três vertentes – Educação, Saúde, Emprego&Renda – é que se constrói o desenvolvimento. Em um primeiro olhar, os resultados gerais de 2013 mostram um quadro estável em Educação e Saúde e um início de deterioração em Emprego&Renda. Mas um olhar mais amiúde do comportamento das variáveis de cada área de desenvolvimento desperta dúvidas quanto à continuidade das conquistas observadas até 2013, permitindo inferências do que se esperar a partir daí.

Entre 2005 e 2013, período que compreende a série histórica do IFDM, a economia brasileira passou por um momento ímpar. O Produto Interno Bruto (PIB) avançou 35% e o país gerou quase 16 milhões de novos postos formais de trabalho, com aumento do rendimento médio em 28%, já descontados os efeitos inflacionários. Esse ambiente econômico foi determinante para a expansão dos recursos com a arrecadação de tributos para financiamento das políticas públicas (seja via arrecadação própria ou transferências) e, consequentemente, da maior atuação social dos governos.

De fato, na Saúde houve importantes conquistas nesse período com evolução de 19,3% no indicador e melhora gradual em todas as variáveis acompanhados pelo IFDM. Pode-se destacar o percentual de sete ou mais consultas pré-natal por nascido vivo que passou de 51,6% para 61,8% no Brasil, bem como a melhora nos registros de óbitos, cujo percentual de causas mal definidas caiu pela metade, de 12,0% em 2005 para 6,3% em 2013.

Entretanto, como já mencionado, apesar dos avanços, a Saúde básica ainda não é para todos os brasileiros. As disparidades de realidades nos extremos do ranking ficam evidentes ao se comparar a média dos indicadores de saúde dos municípios com baixo *IFDM Saúde* com a das cidades que já alcançaram classificação de alto desenvolvimento nessa vertente. Enquanto nas cidades com alto *IFDM Saúde,* 75,9% das gestantes vão ao médico mais de seis vezes antes de ter seu bebê, conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde, nas cidades com baixo *IFDM Saúde* este serviço atinge pouco mais de um terço das gestantes (36,2%). Do mesmo modo, nas cidades menos desenvolvidas, um em cada quatro (25,1%) óbitos ocorre por causas mal definidas, mais de cinco vezes o observado nas cidades mais desenvolvidas (4,6%), dificultando não apenas os tratamentos individuais, mas também o planejamento e a execução de políticas preventivas de saúde.

Nesse mesmo período, a *Educação* foi a área do IFDM que mais evoluiu, com alta de 27,9%. Esse avanço foi sustentado, sobretudo, pelo maior acesso das crianças à Educação Infantil, pela maior permanência dos alunos do Ensino Fundamental na escola e pela melhor qualificação dos professores. Para se ter uma ideia, enquanto o percentual de crianças de até cinco anos que frequentam creches e pré-escolas saltou de 36,3% para 44,7%, a taxa de abandono do Ensino Fundamental recuou de 7,5% para 2,2%, aproximando-se do nível observado no Chile (1,3%), bem como o percentual de docentes com nível superior atingiu 79,0%, acima dos 65,7% de 2005.

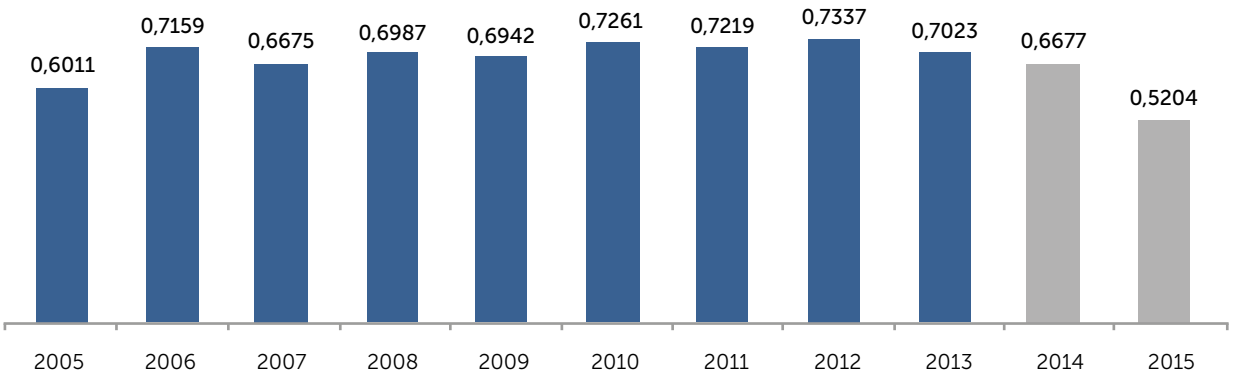
Em que pese a evolução do indicador até 2013, um olhar mais atento sobre a dinâmica temporal das variáveis que compõem o *IFDM Educação* deixa dúvidas quanto à capacidade do País em manter o mesmo ritmo de desenvolvimento nos próximos anos.

Diante dessa melhora dos insumos educacionais, era de se esperar que o desempenho dos alunos avançasse a uma velocidade ao menos constante nas provas do IDEB, prova bianual que atesta a proficiência dos alunos do Ensino Fundamental. O que se observou, no entanto, foi exatamente o contrário, ou seja, a evolução da nota do IDEB vem a cada edição dando claros sinais de desaceleração. A média do IDEB avançou 10,3% entre 2005 e 2007; 8,0% entre 2007 e 2009; 6,2% entre 2009 e 2011 e apenas 3,5% entre 2011 e 2013. Mais do que isso, em uma escala de zero a 10, a nota média do IDEB do Ensino Fundamental da rede pública brasileira subiu de 3,4 em 2005 para meros 4,5 pontos em 2013.

Em outras palavras, os resultados caminham cada vez mais lentamente. Dessa forma, caso a evolução observada em 2013 seja mantida nos próximos anos, a nota brasileira do IDEB do Ensino Fundamental só atingirá os 6,0 pontos em 2031 – uma década após o estabelecido nas metas do Ministério da Educação.

Por fim, o quadro econômico recente deteriorou-se rapidamente e as perspectivas persistentemente negativas chamam a atenção. Em 2014, a geração de empregos foi apenas um terço da observada em 2013, ano em que o *IFDM Emprego&Renda* já exibiu desempenho negativo. Em 2015, a avaliação é ainda mais negativa: o país deverá perder mais de um milhão de postos de trabalho formais e a renda deverá avançar menos que a inflação, corroendo o poder de compra do trabalhador. Diante disso, é possível estimar que a trajetória descendente do *IFDM Emprego&Renda* irá se acentuar significativamente nas próximas edições – *gráfico 7*. Em 2014, a vertente deve atingir seu menor patamar desde 2007 e, em 2015, recuar para o menor nível já atingido na série histórica do indicador.

Gráfico 7: Evolução do IFDM Emprego&Renda Observado (2005-2013) e Projeções (2014-2015)



Como resultado, os municípios brasileiros tendem a ficar a mercê da conjuntura econômica, com menos recursos não só para expandir como, principalmente, para manter programas sociais que viabilizaram o avanço dos componentes estruturais do IFDM – Educação e Saúde – até então. Fato é que os desafios mais complexos persistem e não foram solucionados em tempos de pujança econômica. Assim, diante do atual cenário, é possível afirmar que a conjuntura econômica negativa observada no Brasil nos últimos dois anos (e cujas projeções de mercado não apontam para recuperação) coloque em xeque a continuidade das conquistas sociais observadas em passado recente, comprometendo o desenvolvimento do país nos próximos anos.

MAIORES E MENORES

A comparação dos 500 municípios com maiores valores no IFDM (Top500) com o grupo extremo oposto retrata um Brasil de disparidades. Extrema (0,9050), em Minas Gerais, município melhor colocado no ranking geral do índice, apresenta um IFDM mais do que três vezes superior ao último colocado – Santa Rosa do Purus (0,2763), no Acre.

No que se refere aos indicadores de Educação, em média, 90,0% dos docentes possuem curso superior nos 500 municípios do topo do ranking, mais do que o dobro do verificado nos 500 com pior colocação. Enquanto a distorção idade-série dos Top500 é de 11,2%, a dos 500 municípios com piores classificações é mais que três vezes esse percentual (37,0%). Como resultado, a média obtida no IDEB, indicador da qualidade do ensino fundamental, é de 5,4 nos 500 municípios do topo, e de 3,4 nos 500 da parte inferior da lista.

Indicadores de saúde também evidenciam a distância entre os padrões de desenvolvimento dos municípios brasileiros. A taxa de óbito de menores de cinco anos por causas evitáveis nos municípios Top500 é a metade da taxa encontrada nos 500 com menor IFDM. Já o percentual de óbitos por causas mal definidas sobre o total de óbitos é de 5,3% nos 500 mais bem colocados, frente a mais que o triplo (18,5%) dos municípios de pior colocação.

Claramente dividido entre Norte e Sul, o conjunto das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste detém 99,0% dos municípios do Top500. Destes, a maior parte é composta por municípios do Sudeste (56,0%). Municípios do Sul e Centro Oeste representam 36,6% e 6,4%, respectivamente. Os outros 1,0% são formados por municípios das regiões Nordeste (0,8%) e Norte (0,2%).

Dos estados, São Paulo é o que tem maior participação de municípios no grupo dos Top500: são 215 que compõem 43,0% da lista (o equivalente a um terço dos municípios paulistas). Na sequência, destacam-se os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de Minas Gerais, que participam, respectivamente, com 16,4%, 11,2% e 9,4% do grupo dos Top500.

No outro extremo, o grupo dos 500 municípios piores colocados é formado majoritariamente por municípios do Nordeste e do Norte do país (97,4%). As cidades baianas são as mais proeminentes nesse grupo, 178 representantes, quase metade de todos os municípios do estado. Maranhão e Pará aparecem na sequência, respondendo por 19,0% e 14,4% do grupo dos 500 menores do Brasil. Nesta faixa do ranking, a região Sudeste teve apenas oito cidades – todas mineiras – e o Centro-Oeste cinco. Por sua vez, a região Sul não teve sequer um representante entre as 500 menores pontuações do IFDM, feito que se repete desde 2005.

Mapa 1: 500 Maiores e 500 Menores

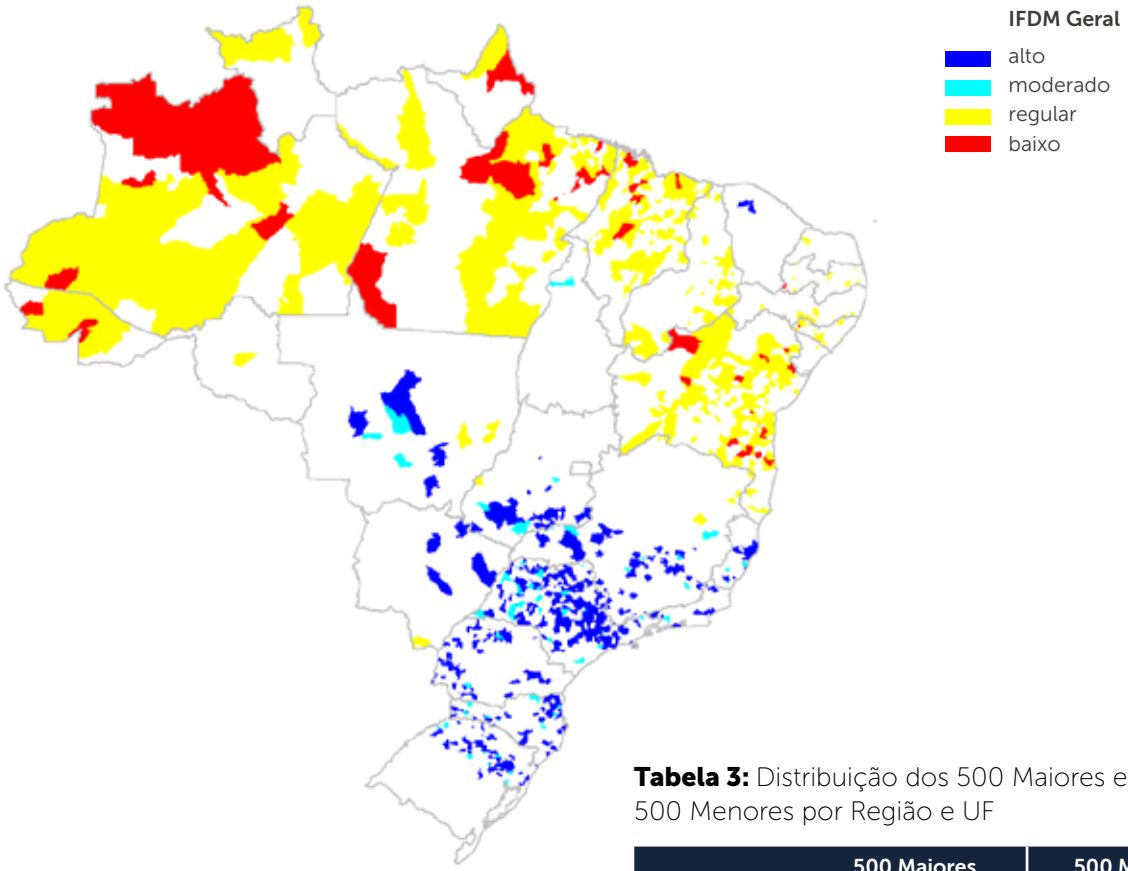


Tabela 3: Distribuição dos 500 Maiores e 500 Menores por Região e UF

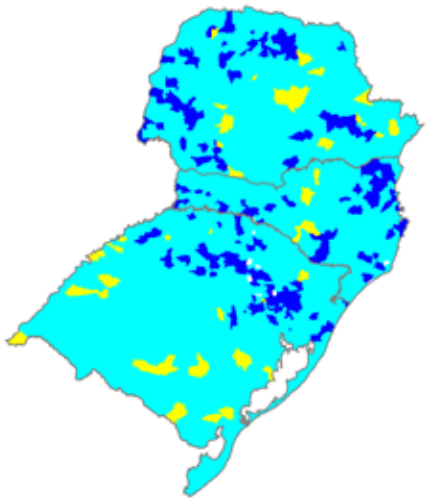
	500 Maiores		500 Menores	
UF	%	Munic.	%	Munic.
Sul	**36,6%**	**183**	**0,0%**	**0**
PR	9,0%	45	0,0%	0
RS	16,4%	82	0,0%	0
SC	11,2%	56	0,0%	0
Sudeste	**56,0%**	**280**	**1,6%**	**8**
ES	2,0%	10	0,0%	0
MG	9,4%	47	1,6%	8
RJ	1,6%	8	0,0%	0
SP	43,0%	215	0,0%	0
Centro-Oeste	**6,4%**	**32**	**1,0%**	**5**
DF	0,0%	0	0,0%	0
GO	3,2%	16	0,2%	1
MS	0,8%	4	0,4%	2
MT	2,4%	12	0,4%	2
Nordeste	**0,8%**	**4**	**71,6%**	**358**
AL	0,0%	0	3,2%	16
BA	0,0%	0	35,6%	178
CE	0,6%	3	0,0%	0
MA	0,0%	0	19,0%	95
PB	0,0%	0	2,8%	14
PE	0,2%	1	1,8%	9
PI	0,0%	0	8,6%	43
RN	0,0%	0	0,2%	1
SE	0,0%	0	0,4%	2
Norte	**0,2%**	**1**	**25,8%**	**129**
AC	0,0%	0	1,6%	8
AM	0,0%	0	8,0%	40
AP	0,0%	0	0,6%	3
PA	0,0%	0	14,4%	72
RO	0,0%	0	0,2%	1
RR	0,0%	0	0,8%	4
TO	0,2%	1	0,2%	1

REGIÕES BRASILEIRAS

A região **Sul** se destaca como a mais desenvolvida do Brasil, com quase a totalidade (96,8%) de seus municípios classificados com desenvolvimento moderado ou alto, em contraste com os 68,1% observados a nível nacional.

O elevado desenvolvimento socioeconômico da região é observado de maneira homogênea nos três estados que a compõem: o percentual de cidades com pontuação alta ou moderada no IFDM é de 96,0% no Paraná, 96,3% no Rio Grande do Sul e 98,6% em Santa Catarina. Isso significa que, além de ser a região brasileira com maior proporção de cidades acima da linha do desenvolvimento moderado (0,6 pontos), é também a mais homogênea em termos de desenvolvimento.

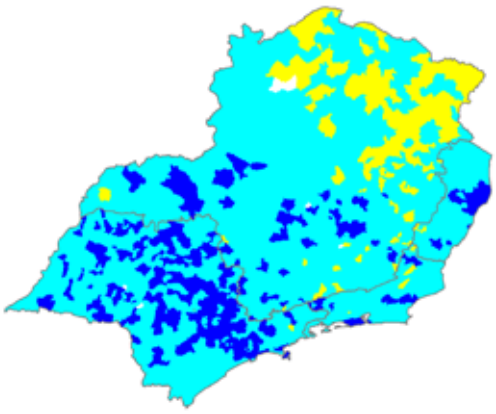
Mapa 2: IFDM Região Sul

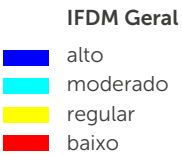


Na região **Sudeste**, 91,5% dos municípios apresentaram IFDM moderado ou alto em 2013. O Sudeste ainda distingue-se por ser a região brasileira com maior presença no estrato superior do ranking brasileiro do IFDM, respondendo por 65 das 100 maiores pontuações, das quais 56 são de São Paulo. Contudo, é importante notar que a região Sul tem conquistado cada vez mais espaço nesse grupo, especialmente desde 2010[11].

Apesar da maior presença do Sudeste no topo do ranking, sua maior concentração de cidades de desenvolvimento regular em comparação com o Sul, especialmente ao norte de Minas Gerais, a torna uma região de contrastes. Para ilustrar, o IFDM do primeiro colocado da região – e do país, Extrema-MG (0,9050) –, é mais que o dobro do observado na cidade mais mal avaliada do Sudeste, a também mineira São Sebastião do Maranhão (0,4426), que figura entre as 500 últimas colocações do ranking nacional.

Mapa 3: IFDM Região Sudeste

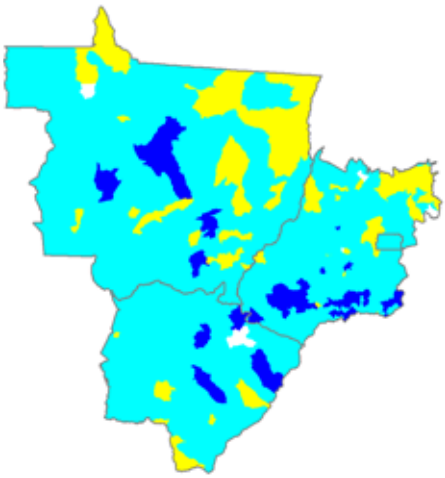




11 Nesse período, o número de cidade sulistas no Top 100 do IFDM saltou de 22 para 30, enquanto os municípios do Sudeste passaram de 76 para os atuais 65.

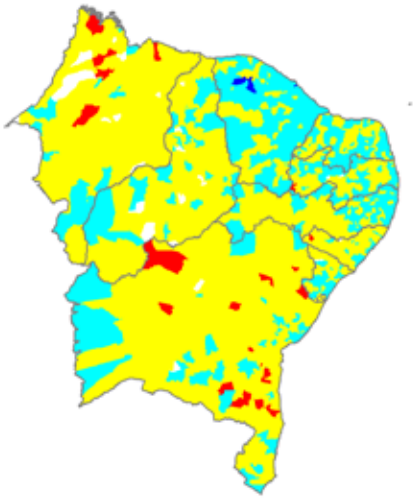
Após se consolidar como um "novo Sudeste" em termos de desenvolvimento socioeconômico, o **Centro-Oeste** seguiu reduzindo sua distância em relação às regiões mais desenvolvidas do país. De fato, com 86,4% de suas cidades acima da linha dos 0,6 pontos, que indica IFDM moderado, a região nunca esteve tão próxima dos padrões de desenvolvimento observados no Sul e no Sudeste do país. Essa evolução mostra que o desenvolvimento econômico da região, reflexo da ascensão do agronegócio brasileiro no período analisado, se converteu em conquistas importantes nas áreas de Educação e Saúde.

Mapa 4: IFDM Região Centro-Oeste



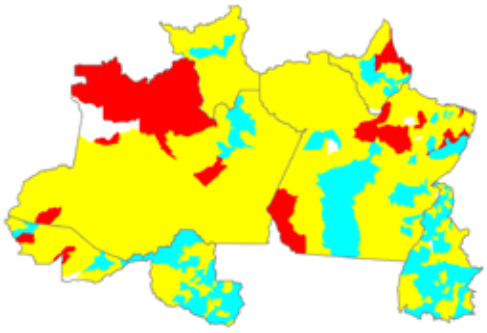
Em contraste com o desempenho majoritariamente positivo do restante do país, as regiões **Norte** e **Nordeste** possuem quase 70,0% de suas cidades com desenvolvimento regular ou baixo: no Nordeste são 69,1% e no Norte, 67,2%. Quando olhamos para os extremos do ranking, a região Norte apresentou situação ainda mais delicada com nenhuma cidade de alto desenvolvimento; já o Nordeste teve dois municípios nessa situação – Eusébio (0,8782) e Sobral (0,8197), ambos no Ceará. Além disso, o percentual de cidades com baixo desenvolvimento (pontuação inferior a 0,4 pontos no IFDM) foi de 5,0% na região Norte, quase o triplo do observado no Nordeste (1,8%).

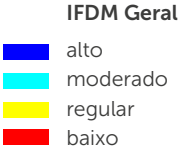
Mapa 5: IFDM Região Nordeste



Os padrões de desenvolvimento dessas regiões também se distinguem quando abrimos as áreas de desenvolvimento do IFDM. O Nordeste apresenta vantagem nas áreas sociais[12], com maior progresso nas áreas próximas ao litoral. O Norte sai um pouco à frente apenas na geração de emprego e renda, em virtude, sobretudo, de grandes empreendimentos de construção e mineração que geram postos de trabalho formais em alguns dos seus municípios, sem que isso esteja sendo revertido em ganhos sociais.

Mapa 6: IFDM Região Norte





12 No *IFDM Educação*, 68,9% dos municípios do Nordeste apresentaram desenvolvimento alto ou moderado, frente a 63,5% no Norte. No *IFDM Saúde*, o percentual de cidades com desenvolvimento alto ou moderado foi de 63,8%, frente a apenas 52,6% no Norte do país.

CAPITAIS

Na análise do desenvolvimento das 27 capitais brasileiras, é imprescindível levar em conta o contexto socioeconômico no qual essas cidades estão inseridas. O status de capital traz consigo maior poderio econômico e uma infraestrutura mais sofisticada que a maioria dos municípios do interior, o que propicia um mercado de trabalho mais aquecido que a média. Contudo, quando a conjuntura econômica é desfavorável, como ocorreu em 2013, as capitais costumam sentir com maior intensidade. Ao mesmo tempo, essas cidades ainda têm o dever de fornecer Educação e Saúde de qualidade a milhões de cidadãos – em 2013, 48 milhões de pessoas, um quarto da população brasileira – e, em muitos casos, ainda servem de polo de atendimento para as cidades vizinhas.

Nesta edição do IFDM, apenas oito capitais brasileiras apresentam alto desenvolvimento no IFDM, enquanto as demais registraram desenvolvimento moderado. As dez primeiras colocadas do ranking das capitais figuram entre os 500 maiores resultados do IFDM do país, porém apenas os dois primeiros lugares ocupam uma posição entre os 100 mais bem avaliados – *Tabela 4*.

O topo do ranking das capitais foi novamente ocupado por **Curitiba, São Paulo, Vitória** e **Florianópolis**, apenas com trocas de posições entre elas. Enquanto a maior parte das capitais apresentou redução no *IFDM Emprego&Renda*, Curitiba registrou crescimento de 4,3% neste indicador, o que resultou em uma variação de 1,4% no índice geral do município e fez com que ele subisse da terceira para a primeira posição.

Houve redução no *IFDM Emprego&Renda* em 17 capitais brasileiras. No geral, a queda desta vertente mitigou a melhora observada nas vertentes de Educação e Saúde, onde foi observado avanço em 22 e 16 das capitais, respectivamente. Apesar disso, alguns municípios conseguiram apresentar avanços significativos nas três áreas de desenvolvimento do IFDM: **Rio de Janeiro**, que ascendeu da sétima à quinta colocação dentre as capitais, e **Teresina**, que galgou quatro posições no ranking e atingiu o 12º lugar.

Teresina apresentou o maior avanço do IFDM consolidado (+4,2%) dentre as capitais, empatada apenas com **Boa Vista**. Na capital do Piauí, ainda que o progresso do mercado de trabalho tenha sido o maior vetor do desenvolvimento, foram registradas altas relevantes nas áreas de Educação (+2,1%) e Saúde (+4,1%). Já na capital de Roraima, esse avanço foi impulsionado quase que exclusivamente pela alta de 12,6% do *IFDM Emprego&Renda*, uma vez que o *IFDM Educação* registrou apenas leve alta de 0,7% e o *IFDM Saúde* manteve-se estável. Em contrapartida, **Palmas** registrou a queda mais brusca dentre as capitais (-4,5%), impulsionada justamente pela forte redução de 15,6% do *IFDM Emprego&Renda*, perdendo assim o status de alto desenvolvimento e seis posições no ranking das capitais em comparação ao observado no ano anterior.

Entre as piores colocadas, **Maceió** foi um destaque positivo por ter obtido crescimentos relevantes tanto no *IFDM Emprego&Renda* quanto no *IFDM Educação*, resultando em variação de 3,1% no seu IFDM – contudo, permaneceu como a única capital brasileira a exibir desempenho regular na área de Educação. Em direção contrária, **Belém** registrou recuo nas três vertentes, passando a ocupar a penúltima colocação do ranking. Estacionado na última posição, o município de **Macapá** apresentou avanços no *IFDM Emprego&Renda* e no *IFDM Saúde*.

Tabela 4: Capitais – IFDM e Áreas de Desenvolvimento

CAPITAIS	IFDM 2013		IFDM 2012		var. 13/12	Emprego & Renda			Educação			Saúde		
						2013	2012	Var.	2013	2012	Var.	2013	2012	Var.
Brasil	**0,7441**		**0,7427**		**0,2%**	**0,7023**	**0,7337**	**-4,3%**	**0,7615**	**0,7405**	**2,8%**	**0,7684**	**0,7538**	**1,9%**
Curitiba	**0,8618**	**1º**	0,8496	3º	1,4%	**0,7799**	0,7477	4,3%	**0,8437**	0,8371	0,8%	**0,9618**	0,9640	-0,2%
São Paulo	**0,8492**	**2º**	0,8518	2º	-0,3%	**0,7315**	0,7441	-1,7%	**0,9047**	0,9012	0,4%	**0,9114**	0,9100	0,2%
Vitória	**0,8421**	**3º**	0,8392	4º	0,3%	**0,7461**	0,7403	0,8%	**0,8724**	0,8720	0,0%	**0,9078**	0,9053	0,3%
Florianópolis	**0,8339**	**4º**	0,8553	1º	-2,5%	**0,7410**	0,7863	-5,8%	**0,8445**	0,8634	-2,2%	**0,9162**	0,9162	0,0%
Rio de Janeiro	**0,8281**	**5º**	0,8151	7º	1,6%	**0,7882**	0,7729	2,0%	**0,8461**	0,8331	1,6%	**0,8501**	0,8394	1,3%
Goiânia	**0,8209**	**6º**	0,8063	10º	1,8%	**0,7701**	0,7944	-3,1%	**0,8191**	0,7621	7,5%	**0,8734**	0,8625	1,3%
Campo Grande	**0,8195**	**7º**	0,8163	6º	0,4%	**0,7447**	0,7280	2,3%	**0,8077**	0,8107	-0,4%	**0,9061**	0,9103	-0,5%
Belo Horizonte	**0,8135**	**8º**	0,8124	8º	0,1%	**0,7391**	0,7690	-3,9%	**0,8406**	0,8256	1,8%	**0,8608**	0,8427	2,1%
Cuiabá	**0,7984**	**9º**	0,8105	9º	-1,5%	**0,7397**	0,7894	-6,3%	**0,7790**	0,7656	1,8%	**0,8763**	0,8764	0,0%
Porto Alegre	**0,7928**	**10º**	0,7919	11º	0,1%	**0,7712**	0,7633	1,0%	**0,7431**	0,7432	0,0%	**0,8642**	0,8692	-0,6%
Palmas	**0,7876**	**11º**	0,8246	5º	-4,5%	**0,6334**	0,7509	-15,6%	**0,8649**	0,8642	0,1%	**0,8644**	0,8589	0,6%
Teresina	**0,7813**	**12º**	0,7495	16º	4,2%	**0,7809**	0,7323	6,6%	**0,7816**	0,7655	2,1%	**0,7814**	0,7509	4,1%
Recife	**0,7775**	**13º**	0,7825	12º	-0,6%	**0,7474**	0,7926	-5,7%	**0,7367**	0,7085	4,0%	**0,8484**	0,8463	0,2%
Brasília	**0,7624**	**14º**	0,7702	14º	-1,0%	**0,6144**	0,6481	-5,2%	**0,8071**	0,7980	1,1%	**0,8657**	0,8643	0,2%
São Luís	**0,7618**	**15º**	0,7786	13º	-2,2%	**0,7490**	0,8016	-6,6%	**0,7509**	0,7484	0,3%	**0,7855**	0,7858	0,0%
Natal	**0,7583**	**16º**	0,7652	15º	-0,9%	**0,7359**	0,7658	-3,9%	**0,7009**	0,6915	1,4%	**0,8379**	0,8383	0,0%
Boa Vista	**0,7561**	**17º**	0,7258	21º	4,2%	**0,7702**	0,6843	12,6%	**0,7076**	0,7025	0,7%	**0,7906**	0,7906	0,0%
João Pessoa	**0,7525**	**18º**	0,7473	19º	0,7%	**0,7026**	0,7225	-2,8%	**0,7026**	0,6717	4,6%	**0,8523**	0,8478	0,5%
Fortaleza	**0,7410**	**19º**	0,7488	17º	-1,0%	**0,7596**	0,8017	-5,3%	**0,7093**	0,6891	2,9%	**0,7539**	0,7555	-0,2%
Rio Branco	**0,7386**	**20º**	0,7485	18º	-1,3%	**0,6893**	0,7639	-9,8%	**0,7534**	0,7208	4,5%	**0,7732**	0,7610	1,6%
Aracaju	**0,7264**	**21º**	0,7428	20º	-2,2%	**0,6945**	0,7660	-9,3%	**0,6689**	0,6542	2,2%	**0,8157**	0,8082	0,9%
Porto Velho	**0,7257**	**22º**	0,7124	23º	1,9%	**0,7134**	0,7279	-2,0%	**0,6909**	0,6591	4,8%	**0,7729**	0,7503	3,0%
Salvador	**0,7160**	**23º**	0,7054	24º	1,5%	**0,7228**	0,7254	-0,4%	**0,6438**	0,6031	6,7%	**0,7814**	0,7878	-0,8%
Maceió	**0,7065**	**24º**	0,6852	26º	3,1%	**0,7635**	0,7243	5,4%	**0,5575**	0,5369	3,8%	**0,7986**	0,7945	0,5%
Manaus	**0,6985**	**25º**	0,6921	25º	0,9%	**0,7595**	0,7484	1,5%	**0,6729**	0,6490	3,7%	**0,6632**	0,6791	-2,3%
Belém	**0,6967**	**26º**	0,7141	22º	-2,4%	**0,7537**	0,7997	-5,8%	**0,6424**	0,6456	-0,5%	**0,6940**	0,6971	-0,4%
Macapá	**0,6860**	**27º**	0,6780	27º	1,2%	**0,7754**	0,7558	2,6%	**0,6173**	0,6212	-0,6%	**0,6653**	0,6571	1,2%

Sistema FIRJAN

FIRJAN
CIRJ
SESI
SENAI
IEL
SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

Acompanhe as redes sociais do Sistema FIRJAN: